



XII Congresso
Fluminense
de Iniciação Científica
e Tecnológica

V Congresso
Fluminense
de Pós-Graduação

Ciência para o Desenvolvimento Sustentável

O Canto da Resistência: Mulheres Negras e a Linguagem do Samba na Contemporaneidade

Jéssica Cristina Alvaro de Oliveira, Giovane do Nascimento, Fernanda Pacheco Huguenin

Este trabalho tem como objetivo investigar as produções de identidades de “passistas”, no contexto do samba, a partir da relação estabelecida entre “identidade de si” e “identidade pelo outro”, o nosso trabalho de campo será desenvolvido no Grêmio Recreativo Escola de Samba (G.R.E.S) Acadêmicos do Salgueiro. Aceitando a proposta de Gilroy (2017), utilizamos “O Atlântico Negro” enquanto unidade de análise, a fim de compreender a (re)criação das identidades de africanos/as e afrodescentes em contexto diaspórico e a centralidade da música negra na elaboração de **Políticas de Síncopa** (MAKL, 2011, p. 59), ou seja, estratégias de sedução do simbólico exercidas por meio da performance de música e dança, na qual afrodescentes atraíam segmentos dos setores dominantes um primeiro momento pela exotização, e, em seguida, pela folclorização. Neste trabalho, entendemos o samba como fomentador dessa política, constituindo-se como um espaço fundamental na elaboração de **identidades sincopadas**, ou seja, identidades resistentes à dominação que operam **(re)existências** frente ao ônus do **projeto de racialização ocidental**, exemplificado na figura do homem branco, heterossexual e cristão; ao passo que à mulher negra, lhe foi imposto o lugar do corpo e da sexualidade desenfreada o que justificou o estupro colonial ao qual foi submetida. E é essa hipersexualização que será denunciada por Lélia Gonzalez junto aos movimentos negros, a partir da década de 1970. Enquanto intelectual orgânica, Gonzalez inaugura a discussão que realiza um duplo movimento dentro das ciências humanas: por um lado, denuncia as formas de análises que reduziram a experiência negra a mero objeto de pesquisa no Brasil; e, por outro lado, reescreve tais experiências a partir da sensibilidade de quem foi objetificada. Lélia enxergava a passista como a mucama permitida, e aludimos sua discussão sobre a mãe preta a uma análise das baianas. A prática da autora suleia este trabalho, já que inaugura a discussão sob o ponto de vista dos movimentos sociais negros. Entretanto, desde a década de 1970, a discussão sobre mulheres negras no samba ganha outros contornos, com a exaltação da figura das tias baianas, na organização do samba, ou, com a crítica à figura da Globeleza, a partir da discussão de hipersexualização do corpo da mulher negra, realizada pelas feministas negras contemporâneas. A partir de 2016, o **Projeto Samba Pretinha**, desenvolvido por quatro passistas negras da Acadêmicos do Salgueiro, discute e problematiza o lugar da passista sob seus pontos de vista, apresentando atualizações e contradições nas discussões elaboradas por mulheres negras.